



# Desconstruir as teorias da conspiração

*Material  
pedagógico*

# 4

1. Aumentar o conhecimento sobre a população judaica e o judaísmo
2. Ultrapassar preconceitos inconscientes
3. Abordar preconceitos e estereótipos antissemitas
- 4. Desconstruir as teorias da conspiração**
5. Ensinar sobre antissemitismo através da educação sobre o Holocausto
6. Abordar a negação, a distorção e a banalização do Holocausto
7. O antissemitismo e o discurso da memória nacional
8. Lidar com incidentes antissemitas
9. Lidar com o antissemitismo online
10. O antissemitismo e a situação no Médio Oriente

---

# Desconstruir as teorias da conspiração

O mundo está cheio de complexidades desafiantes, e uma das quais é conseguirmos distinguir factos de ficção. As pessoas são inundadas com informações provenientes da família, de amigos, da comunidade e de fontes online. Forças políticas, económicas, culturais e outras moldam as narrativas a que estamos expostos diariamente, e as relações ocultas entre estas forças contribuem para uma maior complexidade. Devido à necessidade psicológica e emocional de dar sentido à informação e de compreender porque é que algo aconteceu, algumas pessoas podem tornar-se vítimas das teorias da conspiração.

As teorias da conspiração tentam explicar acontecimentos angustiantes como resultado das ações de um pequeno e poderoso grupo que colabora para promover uma agenda sinistra. Tais modelos explicativos rejeitam narrativas aceites, e as explicações oficiais são por vezes consideradas como mais uma prova

da conspiração. As teorias da conspiração baseiam-se na desconfiança em relação às instituições e aos processos estabelecidos, e muitas vezes implicam grupos associados a estereótipos negativos, incluindo judeus, particularmente em tempos de agitação social.<sup>1</sup>

A Internet proporcionou às teorias da conspiração, incluindo às teorias da conspiração antissemitas, um maior alcance e uma certa legitimidade. Isto inclui uma pletera de websites e relatos nas redes sociais que fornecem plataformas para a proliferação de ideias falsas, tais como a negação do Holocausto. Este ambiente fértil para o crescimento e difusão das teorias da conspiração coloca um desafio aos professores: orientar os alunos para identificar, confrontar e refutar tais teorias.

Este material pedagógico analisará a forma como funcionam as teorias da conspiração e como estas podem

## O que é uma teoria da conspiração?

*“Uma crença de que alguma organização secreta, mas influente é responsável por um evento inexplicável”.*

FONTE: *Concise Oxford English Dictionary*, nona edição.

relacionar-se com o antissemitismo, e delineará ainda estratégias para as ultrapassar na sala de aula. Fornece técnicas pedagógicas que permitem aos alunos construir as suas capacidades de pensamento crítico à medida que investigam teorias da conspiração e as desmistificam. Um resultado da técnica é que os alunos passam por um processo tangível e experiencial que os leva organicamente à compreensão de que nem todas as teorias que leem ou ouvem se baseiam em factos.

---

<sup>1</sup> M. Abalakina-Paap, W. S. Stephan, T. Craig e W. L. Gregory, “Beliefs in conspiracies”, *Political Psychology*, Vol. 20, n.º 3, 1999, pp. 637-647.

# Contexto

## Uma teoria da conspiração é definida por quatro características:

“(1) um grupo (2) agindo em segredo (3) para alterar instituições, usurpar o poder, esconder a verdade ou ganhar utilidade (4) às custas do bem comum.”

FONTE: Joseph E. Uscinski e Joseph M. Parent, *American Conspiracy Theories* (Oxford University Press) 2014

Há muitas razões diferentes pelas quais as pessoas podem ser atraídas por teorias da conspiração. As catástrofes ou crises que afetam diretamente a vida das pessoas (tais como um acidente de automóvel, uma doença terminal ou um ataque terrorista) podem levá-las a procurar razões ou alguém para culpar. Uma tentativa de compreender a razão de um incidente pode aliviar alguma da dor e confusão. Quando as pessoas enfrentam situações complexas, as teorias da conspiração podem proporcionar respostas simples.

Os disseminadores de narrativas extremistas online utilizam fatores de pressão para atrair jovens que se sentem socialmente excluídos e fatores de atração para os atrair com um sentimento de pertença. Os fatores de pressão podem incluir queixas sociais, políticas e económicas, um sentimento de injustiça e discriminação, crises e tragédias pessoais frustração e alienação. Os fatores de atração podem incluir

uma sensação de pertença a uma causa, ideologia ou rede social, a necessidade de poder e controlo, tal como um sentido de lealdade e compromisso.<sup>2</sup>

Um estudo recente demonstrou que as teorias da conspiração podem ser reconfortantes para quem tem medo de mudar o *statu quo*. “Justificando as tragédias, desastres e problemas sociais com as ações de poucos elementos nefastos”, concluem os investigadores, “as teorias da conspiração podem desviar a atenção das limitações inerentes aos sistemas sociais.”<sup>3</sup>

Por exemplo, há quem considere o aquecimento global um embuste ou esquema propagado pelo *establishment* científico. Aceitar a realidade das alterações climáticas como resultado da atividade humana exigiria logicamente que fizéssemos alterações para reduzir ou inverter esta tendência. Estas alterações podem ter impactos financeiros ou outros impactos negativos

em certos grupos ou pessoas. Nesses casos, as teorias da conspiração podem ajudar as pessoas a lidar com dissonâncias cognitivas — ter pensamentos, crenças ou atitudes inconsistentes, especialmente no que diz respeito a decisões comportamentais e mudança de atitude.<sup>4</sup>

As teorias da conspiração permitem que as pessoas renunciem à responsabilidade pessoal face a situações complexas em que qualquer pessoa se sentiria impotente. Investigações demonstraram que é possível aumentar a tendência de alguém para o pensamento conspiratório removendo o sentido de controlo pessoal que tem sobre a sua vida. O oposto também é verdade: alguém que tem um sentimento de poder pessoal sobre a sua vida será mais resistente às teorias da conspiração.<sup>5</sup>

As teorias da conspiração que visam grupos específicos, tais como os judeus, podem estar enraizadas e propagar uma mentalidade de

<sup>2</sup> Steven Lenos e Jordy Krasenberg, “Dealing with fake news, conspiracy theories, and propaganda in the classroom”, Centro Ran de Excelência, 29-30 de novembro de 2017, Budapeste, <[https://ec.europa.eu/home-affairs/system/files\\_en?file=2020-09/ran\\_edu\\_dealing\\_fake\\_news\\_conspiracy\\_theories\\_propaganda\\_classroom\\_29-30\\_11\\_2017\\_.pdf](https://ec.europa.eu/home-affairs/system/files_en?file=2020-09/ran_edu_dealing_fake_news_conspiracy_theories_propaganda_classroom_29-30_11_2017_.pdf)>.

<sup>3</sup> Daniel Jolley, Karen Douglas e Robbie M. Sutton, “Blaming a Few Bad Apples to Save a Threatened Barrel: The System-Justifying Function of Conspiracy Theories,” in *Political Psychology*, Vol. 39, 2.ª edição (abril de 2018), pp. 465-478.

<sup>4</sup> Ver, por exemplo: “Cognitive Dissonance”, *Psychology Today*, <<https://www.psychologytoday.com/intl/basics/cognitive-dissonance>>.

<sup>5</sup> Kim Whitson et al., “Regulatory Focus and Conspiratorial Perceptions: The Importance of Personal Control”, *Personality and Social Psychology Bulletin*, 1 de junho de 2018.

## A retórica da conspiração pode apresentar todos os seguintes pontos ou uma combinação dos mesmos:

- nenhum evento é aleatório;
- tudo o que acontece é o resultado de intenções ocultas;
- nada é o que parece;
- tudo está secretamente ligado;
- embora todos os factos devam ser cuidadosamente examinados através da crítica, os factos que não se encaixam na tese são ignorados ou negados.

FONTE: Pierre-André Taguieff, *Court traité de complotologie*, Mille et une nuits, 2013.

“nós contra eles”. Os criadores da teoria da conspiração veem-se a si próprios como a norma, e a sua teoria colocou a população alvo num grupo separado que veem como “o outro”. Em muitos casos, a teoria da conspiração atribui a responsabilidade por uma determinada ocorrência ou uma sequência de ocorrências ao grupo que designaram como “o outro”, que é visto como o inimigo. Esta é uma forma de apresentar teorias da conspiração por razões políticas maliciosas — para oferecer ao público um bode expiatório.

Um dos melhores exemplos de uma teoria da conspiração antisemita que ainda hoje tem um impacto generalizado no mundo começou com a publicação em 1903 dos *Protocolos dos Anciãos de Sião* num jornal russo.<sup>6</sup> É uma das falsificações mais amplamente distribuídas na História, pretendendo registar um plano dos judeus para o domínio mundial. O genocídio nazi dos judeus na Europa durante a Segunda Guerra Mundial também foi levado a cabo com base numa ideia conspiratória do poder judaico.

Os judeus têm sido historicamente alvos de teorias da conspiração desde a ideia medieval do “libelo de sangue”. Em muitas formulações, é afirmado que os “judeus” ou “sionistas” formam uma poderosa cabala global que manipula governos, meios de comunicação, bancos, a indústria do entretenimento e outras instituições para fins malévolos.

A difamação antisemita manifesta-se frequentemente através de uma visão conspiratória do mundo. Por exemplo, tanto à esquerda como à direita política, há pessoas que afirmam falsamente que os judeus planearam os ataques terroristas nos Estados Unidos a 11 de setembro de 2001. Hoje em dia, as alegações de controlo e fascínio dos judeus pelas finanças, ou representações de judeus como ricos, poderosos e ameaçadores, encontram-se em referências ao “dinheiro dos Rothschild” ou à identificação de uma conspiração judaica com a banca internacional e a criminalidade. Recentemente, surgiram novas teorias da conspiração que alegam falsamente o envolvimento

Para uma linha temporal sobre os *Protocolos dos Anciãos de Sião*, ver o Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007244>>.

Para uma atualização das teorias da conspiração atualmente em circulação, ver o website Conspiracy Watch (em francês) <[www.conspiracywatch.info](http://www.conspiracywatch.info)>.

dos judeus na crise europeia dos refugiados.<sup>7</sup>

Uma teoria da conspiração antisemita diferente, mas relacionada, que ainda hoje existe, pode ser apelidada de “Embuste do Holocausto”, que representa uma crença de que o povo judeu inventou ou exagerou o Holocausto a fim de obter vantagens políticas ou financeiras. Este

<sup>6</sup> Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, “Protocolos dos Anciãos de Sião”, *Holocaust Encyclopedia*, <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/protocols-of-the-elders-of-zion>>.

<sup>7</sup> Péter Krekó et al., “‘Migrant Invasion’ as a Trojan Horseshoe”, em Péter Krekó et al. (eds.), *Trust within Europe* (Budapeste: Political Capital, 2015), pp. 63-72, <[http://www.politicalcapital.hu/wp-content/uploads/PC\\_OSIFE\\_Trust\\_Within\\_Europe\\_web.pdf](http://www.politicalcapital.hu/wp-content/uploads/PC_OSIFE_Trust_Within_Europe_web.pdf)>.

---

“Ao ensinar às crianças capacidades de pensamento analítico juntamente com a percepção de que os problemas da sociedade muitas vezes não têm soluções simples, ao estimular uma sensação de controlo e ao promover uma sensação de que se é um membro valioso da sociedade, é provável que a educação crie as ferramentas mentais necessárias para abordar teorias da conspiração rebuscadas com uma dose saudável de ceticismo.”

FORTE: Jan-Willem Van Prooijen, “Why Education Predicts Decried Belief in Conspiracy Theories”, *Applied Cognitive Psychology*, Vol. 31, Edição 1, 2017, pp. 50-58.

argumento é utilizado por negacionistas do Holocausto, que afirmam que as provas foram fabricadas por pessoas que trabalham para a comunidade judaica mundial.<sup>8</sup> O material pedagógico n.º 6 do ODIHR: “Abordar a negação, a distorção e a banalização do Holocausto” fornece mais informações sobre como lidar com esta falsidade em particular.

As redes sociais tornaram-se instrumentos essenciais para quem pretende assediar os judeus e espalhar a desinformação ou o ódio. Estas desempenham um papel

importante na difusão das teorias da conspiração, que também podem ter um impacto nos esforços de defesa dos direitos humanos e dos valores democráticos.

A educação sobre teorias da conspiração é importante tanto para a compreensão do antissemitismo como para a prevenção do extremismo. Os educadores devem orientar os alunos no desenvolvimento de competências de literacia mediática e informacional, o que lhes permitirá identificar e rejeitar representações antissemitas, reivindicações extremistas e teorias

conspiratórias ou apelos à rejeição de valores democráticos. É importante que os alunos sejam capazes de identificar estes elementos como tais, mesmo num contexto de imagens emocionais ou de referência ao sofrimento. A literacia mediática e informacional ajuda a construir as capacidades de pensamento crítico e a capacidade de resistência dos alunos ao fascínio das explicações simplistas fornecidas por teorias conspiratórias e propaganda extremista.

---

<sup>8</sup> Museu do Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, “Holocaust Deniers and Public Misinformation”, *Holocaust Encyclopedia*, <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/holocaust-deniers-and-public-misinformation>>.

# Estratégias para abordar as teorias da conspiração na sala de aula

Respostas fáceis e simples, tais como as proporcionadas pelas teorias da conspiração, podem proporcionar algum falso conforto ao lidar com uma situação assustadora. Os professores podem ajudar os alunos a compreender e articular as suas emoções e necessidades, a dar-lhes segurança e a prepará-los para

a possibilidade de desafiar as suas ideias sobre quem ou o quê culpar. Isto facilitar-lhes-á a aprendizagem de como a linguagem ou as imagens podem ser usadas para manipular emoções — especialmente em momentos de tensão.

## Olhar para além das palavras

Quando os alunos apresentam uma generalização ou percepção sobre o comportamento de outrem, pergunte-lhes quais são as provas dessa afirmação ou como sabem que é verdadeira. “Será que X disse mesmo essas palavras? Poderá haver

outra explicação para o que X disse ou fez”? Os alunos podem, por vezes, pensar a “preto e branco”. Um professor pode introduzir a ideia de “tons de cinza”. Incentive os alunos a procurarem sinais de alerta, tais como exageros — “Somos as únicas

pessoas com a resposta ou que vos dirão a verdade”, ou declarações absolutas usando palavras como tudo, todos, nenhum, nada, nunca, ninguém e sempre.

Para colmatar a vulnerabilidade às teorias da conspiração, é importante ensinar aos alunos competências analíticas e como procurar uma série de fontes diferentes.

## Atividade

Utilize exemplos para desmistificar teorias da conspiração:

- peça aos alunos que trabalhem em equipas para investigarem as origens de um estereótipo e/ou teoria da conspiração; o resultado mais provável é que se aperce-

bam que não existem provas suficientes para apoiar o estereótipo ou a teoria da conspiração e sejam capazes de a desmistificar;

- durante a investigação, peça aos alunos que enumerem exemplos para demonstrar o impacto negativo das teorias da conspiração;
- crie parcerias de aprendizagem entre os alunos para criar respon-

sabilidade partilhada, trabalhando em conjunto e processando informação em conjunto; e

- encoraje os alunos a ver como as narrativas mudam com o tempo, transformando um elemento verdadeiro retirado do contexto numa visão simplista e estereotipada.

Terão mais probabilidades de continuar a utilizar este conjunto de competências investigativas ativas, uma vez que estão expostos a outras teorias conspiratórias, e terão menos probabilidades de desenvolver um pensamento estereotipado e preconceitos que os possam atrair para pontos de vista extremos ou fanáticos.

## O que fazer se...?

### ... um aluno partilhar uma ideia ligada a uma teoria da conspiração?

O aluno pode estar simplesmente a repetir uma noção que ouviu algures dentro ou fora da escola, sem estar convencido da ideologia que está na base da teoria. No entanto, é ainda importante abordar a ideia de forma a impedir a sua proliferação e a desenvolver a resiliência dos alunos a outras influências conspiratórias.

É importante não afirmar imediatamente que o aluno está errado, pois isso pode fazer com que o aluno se torne defensivo ou fique envergonhado. O aluno pode ter tido este pensamento por lealdade a uma opinião de grupo simplista vista como popular ou humorística. É importante, antes de mais, criar um espaço de diálogo onde os alunos se sintam à vontade para expressarem as suas ideias. Isto ajudará a compreender os principais

argumentos que mais provavelmente levarão o aluno a reconsiderar a sua posição sem medo de ser julgado.

Assim que exista uma relação de confiança, o professor poderá utilizar elementos factuais para analisar os conhecimentos do aluno e motivá-lo a considerar novas formas de pensar sobre a situação. Para que isto seja eficaz, é uma boa ideia utilizar perguntas em vez de afirmações e, tanto quanto possível, basear estas perguntas em factos (ver a lista de verificação de fontes, abaixo).

### ... durante a pesquisa online, um aluno se deparar com informações que conduzem a uma teoria da conspiração?

A utilização de motores de busca online pode fácil e rapidamente levar um aluno a informações falsas, e mesmo perigosas. Se optarem por procurar imagens em vez de notícias, é ainda mais provável que acabem

## Lista de verificação de fontes

Como potencial trabalho de pesquisa, peça à turma que investigue as fontes de uma informação e outras fontes (factuais) opostas utilizando a lista de verificação de fontes.

- VERIFICAR A FONTE:**  
Onde são publicadas as notícias?  
Que tipo de website é este? Consegue ver quem está a fazer a publicação?
- VERIFICAR O AUTOR:**  
Qualquer fonte séria deve revelar o autor.
- LER PARA ALÉM DA MANCHETE:**  
As manchetes são, por vezes, usadas como “anzol” para fazer com que os leitores tenham uma certa opinião ou para “vender” o artigo.
- VERIFICAR OUTRAS FONTES DE SUPORTE:**  
Verifique as ligações indicadas como fontes e tente também verificar a sua legitimidade.
- UTILIZAR WEBSITES DE VERIFICAÇÃO DE FACTOS:**  
Enciclopédias; Factcheck.org; Rede Internacional de Verificação de Factos (International Fact-Checking Network, IFCN).
- PERGUNTAR A UM ESPECIALISTA:**  
A orientação de uma pessoa mais conhecedora — tal como um professor, um bibliotecário ou um representante de um museu — pode ajudar a esclarecer a informação.

A *literacia digital* é a capacidade de encontrar e avaliar informação online, distinguindo o que é verdadeiro do que é falso. Esta combina capacidades de pensamento crítico, como a verificação de fontes, com novos conhecimentos sobre como funciona o mundo digital, como funcionam os motores de busca. Utilizando a lista de verificação de fontes, os alunos podem analisar fontes de informação verificáveis sobre o Holocausto, por exemplo.



num website utilizado para divulgar propaganda de ódio. Para evitar a vulnerabilidade dos alunos a tal informação, é importante desenvolver a sua literacia digital e a sua capacidade de distinguir fontes de informação credíveis através de um pensamento independente.

Os termos de pesquisa que introduzirem terão também um impacto nos resultados da pesquisa. Por exemplo, introduzir “os judeus controlam o mundo” apresentará centenas de imagens antissemitas, muitas das quais conduzirão diretamente a websites de grupos de ódio. O material pedagógico n.º 9 do ODIHR, “Lidar com o antissemitismo online”, pode ser útil para casos em que a literacia digital é essencial para distinguir fontes credíveis de fontes falsas ou enganosas.

*O especialista em conspiração, Joseph Uscinski da Universidade de Miami, explica como pede aos alunos para conceberem a sua própria teoria da conspiração: “Quanto mais louca, melhor.” Pede aos seus alunos que recolham todas as suas informações a partir da Internet. Uma vez reunidas as provas, têm geralmente um caso bastante convincente. Cada aluno deve então apresentar a teoria a outro aluno, que a deve desmistificar. Segundo o Professor Uscinski, os alunos podem apegar-se bastante à sua teoria e não gostam que lhes digam que estão errados. Tais teorias podem ligar-se à sua visão do mundo sobre a verdade, o poder e a identidade, revelando alguns preconceitos subjacentes.*

*Durante estes exercícios, as potenciais consequências destas teorias inventadas ou de outras conspirações em circulação também podem ser exploradas: desconfiança, paranoia, medo, ódio, isolamento ou isolamento de um grupo, más escolhas, hostilidade, violência contra os supostos conspiradores e assim sucessivamente. Por exemplo, um efeito do movimento “antivacinação” é a propagação de doenças infantis que tinham sido essencialmente erradicadas. Um efeito da atividade dos negacionistas das alterações climáticas é que os esforços para colocar em prática políticas mais responsáveis estão a ser travados ou diminuídos.*

*É importante atribuir tempo suficiente para estes exercícios. Isto garante que os alunos tenham a oportunidade de analisar minuciosamente como é construída uma teoria da conspiração e reparem nas características particulares realçadas pelos autores relativamente ao tema.*

FORTE: Uma entrevista com o Professor Joseph Uscinski publicada por Steve Kolowich no Chronicle of Higher Education, “What does this Professor Know About Conspiracy Theorists that We Don’t?”, 6 de agosto de 2018.

## Mémorial de la Shoah, França

O Memorial da Shoah (Mémorial de la Shoah) desenvolveu workshops educativos para professores e alunos sobre o tema das teorias da conspiração nas redes sociais e as suas ligações ao antissemitismo. Com base em exemplos retirados das redes sociais (mensagens, fotomontagens e vídeos), os participantes aprendem a identificar e desconstruir teorias da conspiração e falsas representações e estereótipos relacionados. Os workshops visam estimular o pensamento crítico e o envolvimento ativo, bem como encorajar a verificação dos factos e a prudência no tratamento de mensagens online.

Para mais informações:

<<http://www.memorialdelashoah.org/pedagogie-et-formation/activites-pour-le-secondaire/ateliers-pedagogiques.html>>.

---

# Recursos e materiais para leitura complementar

Para saber mais sobre as teorias da conspiração atualmente em circulação, consulte o website Conspiracy Watch (em francês):

<[www.conspiracywatch.info](http://www.conspiracywatch.info)>.

Para saber mais sobre a história dos Protocolos dos Anciãos de Sião:

<<https://www.usmmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007244>>.

Joseph E. Uscinski and Joseph M. Parent, *American Conspiracy Theories* (Oxford University Press: setembro de 2014).

Pierre-André Taguieff, *Court traité de complotologie* (Mille et Une Nuits: abril de 2013).

“Conspiracy theories, intuitions and critical thinking” do Oxford Education Blog:

<<https://educationblog.oup.com/theory-of-knowledge/conspiracy-theories-intuitions-and-critical-thinking-part-1>>.

O Oxford Education Blog também sugere algumas atividades para abordar as teorias da conspiração na sala de aula:

<<https://educationblog.oup.com/theory-of-knowledge/conspiracy-theories-intuitions-and-critical-thinking-part-2>>.

Steven Lenos e Jordy Krasenberg, “Dealing with fake news, conspiracy theories, and propaganda in the classroom”, Centro Ran de Excelência, 29-30 de novembro de 2017, Budapeste:

<[https://ec.europa.eu/home-affairs/system/files\\_en?file=2020-09/ran\\_edu\\_dealing\\_fake\\_news\\_conspiracy\\_theories\\_propaganda\\_classroom\\_29-30\\_11\\_2017\\_.pdf](https://ec.europa.eu/home-affairs/system/files_en?file=2020-09/ran_edu_dealing_fake_news_conspiracy_theories_propaganda_classroom_29-30_11_2017_.pdf)>.

Stanford History Education Group, *Civic Online Reasoning*:

<<https://sheg.stanford.edu/civic-online-reasoning>>.

